

O CURSO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS: UM TESTEMUNHO

THE PHILOSOPHY COURSE AT THE CATHOLIC UNIVERSITY OF PELOTAS: A TESTIMONY

JANDIR JOÃO ZANOTELLI*

Livre-docente e Doutor em Filosofia/UFPEL. Ex-Reitor da Universidade Católica de Pelotas.

Contato: jjzanotelli@ig.com.br

Resumo: O presente texto teve o propósito de situar o desenvolvimento histórico de fundação do curso de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas que no ano de 2023, completou 70 anos. Tal ideia partiu do sonho de Dom Antônio Zattera, pois era urgente e necessário criar uma Universidade Católica em Pelotas e cursos superiores em toda a Diocese. Assim, nasceram os cursos de Direito em Bagé e Rio Grande, os cursos de Administração em São Gabriel, Camaquã, o curso de História em Jaguarão. Era essencial uma educação forte e crítica que abrisse espaço para o ensino que permitisse também entender e acolher a evangelização cristã a partir de uma visão crítica. Foi assim que nasceu o Curso de Filosofia Ciências e Letras desta Universidade em 1953.

Palavras-chave: Curso de Filosofia. Universidade Católica de Pelotas. 70 anos.

Abstract: The purpose of this text is to outline the historical development of the founding of the Philosophy course at the Catholic University of Pelotas, which turned 70 in 2023. This idea came from the dream of Dom Antônio Zattera, because it was urgent and necessary to create a Catholic University in Pelotas and higher education courses throughout the diocese. This gave birth to law courses in Bagé and Rio Grande, business courses in São Gabriel and Camaquã, and a history course in Jaguarão. It was essential to have a strong, critical education that made room for teaching that also allowed Christian evangelization to be understood and accepted from a critical viewpoint. This is how the University's Philosophy, Science and Letters course was born in 1953.

Keywords: Philosophy course. Catholic University of Pelotas. 70 years.

O curso de filosofia, bem como a Universidade Católica de Pelotas, surgiu de um sonho de D. Antônio Zattera. Padre, em Bento Gonçalves, é nomeado bispo de Pelotas e toma posse em 1942. A diocese abrangia todo o sul do estado do Rio Grande do Sul. Desde Livramento, Bagé, São Gabriel, Rio Grande, Santa Vitória. Com pouca estrutura de organização paroquial e sob forte inspiração do liberalismo e da maçonaria quase sempre anticlerical e contando apenas com o Colégio Gonzaga fundado pelos jesuítas em 1895, (para meninos) e o São José (para meninas) fundado em 1910, a diocese tinha pouco terreno preparado para receber a boa nova do evangelho. Como se sabe a religião e o Estado no Brasil eram unidas pelo Padroado num Estado Colonial de Cristandade. O Estado recebia 10% de imposto como dízimo para criar e manter igrejas, seminários, obras pias, mantendo a religião como um departamento do Estado. Com isso controlava-a e fazia dela uma ideologia. Separado o Estado e religião em 1891 agora, separada a igreja vivia a expensas de algumas esmolas e doações lutando contra o anticlericalismo de um Estado governado pela maçonaria, pelo liberalismo e pelo positivismo. O Rio Grande do Sul formava o clero na faculdade jesuítica de São Leopoldo e um ensino superior aberto ao cristianismo na PUCRS fundada em 1947. Em Pelotas afora o Colégio Gonzaga e São José o ensino público era laico bem como nas faculdades de Direito, Odontologia e Agronomia aqui existentes.

D. Antônio sonha: era urgente e necessário criar uma Universidade Católica em Pelotas e cursos superiores em toda a diocese. Assim nasceram os cursos de Direito em Bagé e Rio Grande, os cursos de Administração em São Gabriel, Camaquã, curso de História em Jaguarão... Era preciso uma educação forte e crítica que abrisse espaço para o ensino que permitisse também entender e acolher a evangelização cristã.

Sem uma visão crítica, a religião cristã vagaria entre tabus e credices no horizonte interpretativo de quem estivesse no poder.

Foi assim que nasceu o Curso de Filosofia Ciências e Letras desta Universidade em 1953.

Celebramos, pois, 70 Anos de tentativas e caminhos do pensar os fundamentos de nossa realidade.

Que orientação? Que estradas ideológicas? As da modernidade europeia que a Europa nos trouxe com a colonização? As do turbilhão de Racionalismo, Iluminismo, Subjetivismo, Marxismo, etc? Já o Papa Leão XIII, em meio a tempestade ao final do século XIX, em sua *Aeterni Patris*, de 1879 advertia e propunha como filosofia para a Igreja Católica e para a formação do clero a orientação de Santo Tomás de Aquino; assim como em sua *Rerum Novarum* de 1891 buscava dar rumo a doutrina social da igreja.

Surgiu então o ensino da filosofia através de manuais. Lembro os Tratados de Filosofia de Jolivet, da Universidade de Lyon na França, os manuais de Salamanca que conduziam o ensino do clero no Rio Grande do Sul no período de 1950.

Estudei Filosofia e Teologia em Viamão (em 1959 a 1964). Época de profunda contestação à acomodação dos manuais, a obrigatoriedade da língua latina. Vinha a inspiração do Vaticano II (1962-65) que redefinía o sentido, a estrutura e o funcionamento da igreja conclamando a participação dos leigos.

Para isto já não bastava o pensamento da Modernidade operado pela Europa nem o da pós-modernidade que nascia e se desenvolvia dentro da própria Modernidade. Já não havia espaço para dualismos: corpo x alma, finitude x infinitude, Ser x ente, razão x sentimento, indivíduo x coletividade... A reflexão crítica sobre o significado de pessoa, de vida, de história, de ética exigia originários novos horizontes. Retorno ao antes da Modernidade, apenas? Futuro e utopia apenas como evasão? Onde o lugar da esperança? Onde o lugar do humano e do transcendente?

Confesso que ao lecionar Teologia Moral em Bagé e, depois, disciplinas do ensino médio em Bagé e Canguçu, sentia cada vez mais a necessidade de aprofundar a filosofia. D. Antônio me convocou para trabalhar com a Filosofia na Católica de Pelotas em Pelotas em 1968: Seriam apenas elementos básicos para todos os cursos da Universidade e Ontologia e Teoria do

Conhecimento para o curso de Filosofia. Lembro-me do fiasco de tentar oferecer aos cursos todos da Universidade a Filosofia de *Ser e Tempo*, de Heidegger e colher, depois de dois meses de aula a justificada incompreensão de 97% dos alunos. Era preciso ensaiar outra linguagem para pensar a realidade, para atingir a vida e fazer filosofia.

Os manuais tratavam a filosofia em temas ou disciplinas, afirmações quase dogmáticas que o aluno aprendia e decorava:

- História da filosofia (antiga, medieval, moderna e contemporânea)
- Teoria do conhecimento (Epistemologia)
- Lógica (formal e material)
- Metafísica ou ontologia (geral e especial)
- Cosmologia
- Ética ou moral (geral e especial)
- Estética.

Por longos dez ou mais anos tentei ser coordenador do curso de filosofia aninhando em seus debates alguns frangalhos críticos de renovação. Padre Aldo Lorenzoni trazia de sua formação da Universidade de Roma e Lovaina elementos críticos à filosofia da subjetividade e superação de Kant.

Os acontecimentos mundiais, latino-americanos e brasileiros especialmente em 1968, gritavam por uma filosofia como pensamento crítico. Para exemplificar:

- a guerra fria de 45 em diante em que se organiza na Trilateral para estabelecer as divisões do mercado, (Estados Unidos e Canadá pela América - Inglaterra, França, Alemanha e Itália pela Europa - e Japão pela Ásia: é o grupo dos 7),
- as revoltas e ditaduras no Chile, Brasil, Argentina, etc, alimentadas pelos Estados Unidos e a Reforma Universitária dentro dos parâmetros do acordo MEC USAID (separando e valorizando mais os meios do que os fins),
- a Ação Católica especificada JAC, JEC, JIC, JOC, JUC, fermentava as pastorais e as escolas (a Revista Terceiro Mundo abastecia os movimentos com dados de todo o mundo),
- a necessidade urgente de reforma como as: agrária, universitária, bancária especialmente

com o escandaloso envio de lucros para o estrangeiro e aniquilação da novel indústria nacional agora entregue ao capital estrangeiro,

- a irritante sofreguidão de muitas esquerdas em fazer a revolução,
- a força e o estímulo da CNBB criada em 1956 e da CELAM aplicando o Concílio Vaticano II (Medellín em 1968) dizendo que o pecado da América Latina era a miséria... Eram necessários caminhos de libertação,
- a Teoria da Dependência mostrava que a América Latina, a África e a Ásia do Sul eram o Terceiro Mundo explorado pelo primeiro, vendendo matéria prima e comprando do Primeiro Mundo os produtos manufaturados.
- a revolução estudantil de 1966 que sacudia as universidades da América Latina, da França e do mundo inteiro seguindo a utopia de Sartre: pedir o impossível...
- as guerras da Coreia, do Vietnã, a independização da África tendendo para o socialismo... Cuba socialista (1959).

O pensamento filosófico neste curso, desde 1968, tentava encaminhar a superação dos manuais e a leitura dos autores Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás, etc, em suas obras, e não apenas em obras que os interpretassem. Busca refletir sobre a metafísica proposta por Heidegger em *Ser e Tempo... A Linguagem... Até O Caminho do Campo*. A entrada em cena de Martin Buber (*Eu e Tu*), Gabriel Marcel, Maritain, Roger Garaudy. A influência da escola de Frankfurt com Benjamim, Apel e Habermas, abriu espaço para o debate sobre lógica, comunicação e verdade. Paul Ricoeur com sua hermenêutica e história... M. Merleau-Ponty (*Teoria da Percepção*). Por fim E. Lévinas com o tema revolucionário da alteridade mostrando que a ética é o critério último da metafísica motivaram muitos debates.

A linguagem, a hermenêutica, a história, a ética e a política passaram a ter presença constante nos debates deste curso de Filosofia.

Muitos e bons professores dedicavam-se a tarefa de ensinar e pensar. Lembro com saudade o querido Cláudio Neutzling (comunidade e participação); Osmar Schaeffer (com seu dou-

torado na *teoria dos valores* de Max Scheller), Agemir Bavaresco e tantos outros.

Veio depois Enrique Dussel: a filosofia, com seus temas e problemas situados na exigência de uma releitura da história mundial e latino-americana; a necessidade de uma Filosofia da Libertação. Vinha junto com a poderosa influência de seu amigo de trabalho e exílio, Paulo Freire, que revolucionava a educação.

Dussel insistia na necessidade prévia de superar o helenocentrismo que formatou o projeto europeu de civilização; e de superar também o eurocentrismo que hoje se fez um mito mundial. Era preciso descolonizar e deshelenizar o pensamento que se intitulou a si próprio como cultura ocidental. A crítica que a Modernidade fez de si própria mantendo o mito que subjaz ao nascimento, à estrutura e à expansão da própria Modernidade não é suficiente, pior, nega todo o pensamento e a alteridade da história. O negado, o excluído, o errado, na verdade, deveria ser o critério primeiro da interpretação.

A antropologia, a hermenêutica, a ética... dos povos e culturas semitas, anteriores e opostas a teoria do indo-europeu que se fez Grécia e Roma tinham e tem como fundamento a outridade do outro e não a egolatria da mesmidade.

Enrique Dussel que, a convite nosso, esteve uma semana em Pelotas neste Curso de Filosofia nos alertou e convidou para a Filosofia da Libertação. Recém havia publicado seu *Método para uma Filosofía de la Liberación*, uma superação analógica da dialética de Hegel. Tivemos alegria de traduzi-la em diálogo fecundo com Dussel.

Insistia ele sobre nossa obrigação de elaborar uma filosofia para além da Europa (com seu eurocentrismo e helenocentrismo) e que abrisse espaço para pensar todas as filosofias inclusive e principalmente que permitisse ler, interpretar e trabalhar a realidade latino-americana. Excelente sua obra *El Humanismo Semita* confrontando com o humanismo do Estado de Cristandade. Excelente sua obra de História da Igreja na América Latina a partir do critério da escolha e do trabalho dos bispos até 1600 sobre o sentido que davam à mulher, aos índios,

aos escravos e às autoridades.

Enrique assessorou os bispos do Brasil e da América Latina na aplicação do Concílio do Vaticano em Medellín, Puebla e Sucre enquanto coordenava a elaboração de uma História da Igreja na América Latina. Suas monumentais obras como *Ética da Libertação* na idade da globalização e da exclusão, bem como *Política de la Liberación - historia mundial y crítica*, e seus inúmeros artigos e obras sobre a Filosofia da Libertação tornam-se hoje leituras indispensáveis para fazer filosofia.

Quando, em 1987 – 1988 a Universidade Católica de Pelotas sentou para repensar sua identidade e seus caminhos com todos os seus professores, funcionários e estudantes, este curso de filosofia foi arrimo e força regeneradora. Pensar uma Universidade como comunidade de todas as disciplinas e professores, alunos e servidores em busca de discernir as necessidades da comunidade e preparar quem pudesse ajudar a enfrentá-las e, uma vez Universidade, fazê-la Universidade Católica nas perspectivas oferecidas pelo Vaticano II, não foi fácil, mas foi a alegria de muitos.

Hoje, ao celebrar 70 Anos e em meio ao torvelinho ideológico, social, político e cultural em que vivemos, buscar e oferecer caminhos críticos e fecundos para interpretação do sentido da vida, da história, e que embora precariamente permita que a terra seja a casa de todos, que a palavra seja a casa do homem e que a outridade seja critério, horizonte, princípio é a tarefa. O mais outro dos outros é aquele que é mais excluído, mais indigente, mais fraco. Um saber que nasça e cresça desde o clamor por justiça do mais fraco é sempre um saber crítico a caminho da transcendência, talvez filosofia.

A tarefa de descolonizar o saber, desde a ciência, a técnica, a moral e a ética, a política, a estética e a religião é nosso desafio. O descolonizar exige, antes de mais nada, deshelenizar. É, também, oferecer ao colonizador e ao helenizador um patamar para que ele compreenda o sentido e o limite de si próprio. A Europa, primeiro mundo, precisa de nós se formos capazes de ler a realidade desde a outridade do outro.

E quem é o outro? Apenas o diverso? Jesus de Nazaré nos oferece a mais simples e radical resposta: o outro é o próximo. Para a elite rica e intelectual de Israel contou a parábola: "Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de assaltantes. Estes arrancaram-lhe tudo espancaram-no e foram-se embora, deixando-o quase morto. Por acaso um sacerdote estava passando por aquele caminho, quando viu o homem seguiu adiante pelo outro lado. O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu o homem e seguiu adiante, pelo outro lado, mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu, e moveu-se de compaixão. Aproximou-se dele e tratou-lhe as feridas, derramando nelas óleo e vinho. Depois colocou-o em seu próprio animal e o levou para uma pensão, onde cuidou dele. No dia seguinte

pegou dois denários e entregou-os ao dono da pensão recomendando: toma conta dele! Quando eu voltar, pagarei o que tiveres gasto a mais."

A proximidade ante a alteridade do outro (roubado, massacrado e abandonado a beira do caminho) definem a perspectiva o critério crítico de ver, fazer e agir. O sacerdote não o acudiu, a elite (levita) também não, quem se aproxima e tem compaixão, acode o outro, trata-o e organiza um processo de cura e inclusão é um samaritano (estrangeiro, desprezado...) ele reconhece e acode o assaltado, eis o ponto de partida como critério para pensar, fazer e agir para fazer filosofia.

Nossa homenagem a esse amigo pensador e lutador Enrique Dussel, falecido no dia 5 de novembro de 2023.

Parabéns ao Curso de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas.